

Realidade das instituições públicas é bem diferente

Gleise de Castro

Para o Valor, de São Paulo

Espera de meses por uma consulta ou exame, longas filas e atendimento precário, macas nos corredores e falta de médicos caracterizam o atendimento dos hospitais públicos no país. São 5.099 hospitais, que atendem pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), entre instituições privadas, universitárias e de ensino e públicas, nas esferas federal, estadual e municipal, segundo dados do Ministério da Saúde, de 2012. Quase 150 milhões de pessoas dependem desse sistema universal, público e gratuito, o único dessa magnitude en-

tre países com mais de 100 milhões de habitantes. Ilhas de excelência, como o Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo, enfrentam excesso de demanda, de pacientes oriundos até de outros Estados, em busca de um atendimento de melhor qualidade.

Os desafios são grandes e os resultados, lentos, mas, a julgar pelas cifras divulgadas, não faltam investimentos. Segundo o Ministério da Saúde, o SUS investiu R\$ 11,6 bilhões para a realização de 11,4 milhões de internações em 2012 e pagou R\$ 15,8 bilhões por atendimentos ambulatoriais, que geraram 3,7 bilhões de procedimentos. Já o Sistema Nacional de Trans-

plantes (SNT) investiu R\$ 1,45 bilhão, 11,5% a mais do que em 2011, em cerca de 24 mil transplantes, 95% de todas as cirurgias desse tipo no país. Os investimentos do Ministério da Saúde passaram de R\$ 28,3 bilhões em 2002 para R\$ 95,9 bilhões em 2012, um aumento de 239% em valores não atualizados. Para este ano, foram reservados R\$ 100,3 bilhões para os gastos federais em ações e serviços de saúde, aumento de 4,6% em relação a 2011.

Como resposta aos protestos de junho, o governo anunciou investimentos de cerca de R\$ 15 bilhões na construção, expansão e reforma de cerca de 20 mil uni-

dades básicas e mais de 1,4 mil hospitais e Unidades de Pronto Atendimento (UPAs 24h) até 2014, além da contratação de médicos para o interior e periferias dos grandes centros, no programa Mais Médicos.

Os Estados também investem na melhora do atendimento por meio de parceria com entidades filantrópicas criadas por hospitais de primeira linha. São as Organizações Sociais de Saúde (OSS), modelo criado em 1998 pelo Estado de São Paulo, pelo qual o governo constrói o hospital e transfere sua administração a instituições privadas, como os hospitais Albert Einstein, Sírio Libanês, Santa Catarina e

São Camilo. A iniciativa foi bem sucedida e está sendo adotada por outros Estados, como Bahia, Mato Grosso, Pernambuco e Goiás.

No Estado de São Paulo, os programas de modernização dos hospitais universitários estaduais, incluindo a renovação de seu parque tecnológico, contaram com investimentos de R\$ 600 milhões em 2012. Com o aporte de R\$ 56 milhões, a Secretaria de Estado da Saúde também lançou, em agosto, um modelo inédito de prontuário eletrônico unificado, que permitirá o acesso imediato ao histórico de atendimentos dos pacientes do SUS no Estado, para um acompanhamento médico mais eficaz.

Segundo a secretaria, a cada 30 minutos, em média, um paciente de outro estado é atendido em hospitais públicos paulistas, como o Instituto do Câncer do Estado de São Paulo, Hospital das Clínicas da FMUSP, Instituto Dante Pazzanese de Cardiologia, Instituto de Infectologia Emílio Ribas e Hospital do Câncer de Barretos, devido à qualidade de seus serviços.

No Hospital das Clínicas, o Estado está investindo R\$ 32 milhões para a construção de uma nova unidade e um centro de diagnóstico na cidade de Suzano e na reforma do Hospital Auxiliar de Suzano, todos ligados à instituição.